

«O enredo
e o suspense
arreatador
prendem o leitor
até à última
página.»

The Sunday Times

«Devastador.
Requintadamente
desconfortável,
absolutamente
cativante.»

Publishers Weekly

ESPERA SILENCIOSA



LIZ NUGENT

BESTSELLER INTERNACIONAL

TOP
SEL
LER

Para o Richard, com todo o meu amor.

A terra fria repousava em baixo,
Por cima, o gélido céu resplandecia;
E ao redor, com um som de arrepio,
Das grutas de gelo e dos campos nevados,
O sopro da noite como a morte fluía
Sob os auspícios da lua cadente.

– Percy Bysshe Shelley

Parte I

1980

1

LYDIA

O meu marido nunca teve intenção de matar a Annie Doyle, mas aquela cabra mentirosa mereceu-o. Depois de ultrapassarmos o choque inicial, tentei impedi-lo de falar dela. Só tocávamos no assunto para confirmar álibis ou discutir o encobrimento de possíveis provas. Ele ficava muito perturbado, por isso achei melhor seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Apesar de não termos falado sobre o assunto, era impossível deixar de rever os acontecimentos daquela noite na minha mente, numa ânsia permanente de que algum aspeto, algum pormenor, pudesse ser diferente. Mas factos são factos, e temos de nos habituar a eles.

O calendário marcava 14 de novembro de 1980. Tudo estava combinado. Não a sua morte, apenas o encontro para ver se ela era séria e, se assim não fosse, para reavermos o nosso dinheiro. Percorri o areal durante vinte minutos para me certificar de que não havia ninguém por perto, mas não tinha motivos para me preocupar. A praia estava deserta naquela noite particularmente agreste. Quando me certifiquei de que estava sozinha, dirigi-me para o banco e esperei. Um vento cruel acompanhava o ritmo das ondas e senti-me forçada a cingir o casaco de caxemira à volta do corpo e a subir o colarinho. O Andrew chegou a horas e estacionou não muito longe do sítio onde eu estava sentada, como lhe

tinha sido indicado. Observei-o a cerca de trinta metros de distância. Tinha-lhe dito para a confrontar. E queria vê-la com os meus próprios olhos, para avaliar se seria a pessoa adequada. A ideia era eles saírem do carro e passarem por mim. Mas não o fizeram. Após esperar dez minutos, levantei-me e dirigi-me para o carro, sem saber porque estariam a demorar tanto tempo. À medida que me aproximei, ouvi gritos. E depois vi-os a lutar. A porta do passageiro abriu-se e a rapariga tentou sair. Mas ele puxou-a para dentro. Consegui notar as suas mãos à volta do pescoço dela. Vi-a debater-se, momentaneamente aturdida, sem saber se não estaria a imaginar coisas, e depois voltei a mim, despertei do meu torpor e corri para o carro.

— Para! Andrew! O que estás a fazer?

Senti a estridência da minha voz nos meus próprios ouvidos, e os olhos dela fitaram-me em choque e terror antes de voltarem a retrair-se no interior das órbitas. Soltou-a de imediato e ela caiu para trás, engasgada. Estava quase morta. Por isso, agarrei na tranca do volante, que estava pousada na zona dos pés, e dei-lhe com ela no crânio, uma só vez. Vi sangue, um pequeno estremeamento e depois silêncio absoluto. Não sei bem porque fiz aquilo. Instinto?

Ela parecia mais nova do que os seus 22 anos. Consegui ver para lá da maquilhagem carregada, do cabelo pintado de preto, quase azul. Havia uma cicatriz branca e irregular que ia do lábio superior deformado até ao septo nasal. Porque é que o Andrew nunca me tinha falado daquela cicatriz? Tinha despido uma manga do casaco durante a luta, por isso consegui vislumbrar umas crostas ensanguentadas na dobra do cotovelo. Tinha uma expressão sarcástica gravada no rosto, um sorrisinho que a morte não conseguiu apagar. Quero pensar que lhe fiz um favor, como quando acabamos com o sofrimento de um pássaro ferido. Ela não merecia tamanha consideração.

O Andrew sempre ferveu em pouca água; explodia à menor coisa e depois, quase de imediato, acalmava e sentia remorsos. Mas, desta vez, ficou histérico. Desatou numa choradeira e numa berriaria capaz de acordar os mortos.

— Oh, meu Deus! Oh, Jesus Cristo! — repetia, como se o Altíssimo pudesse resolver tudo. — O que é que nós fomos fazer?

— Nós? — disse, atónita. — Foste tu que a mataste!

— Ela riu-se de mim! Tinhas razão. Disse que eu era um alvo fácil. Ameaçou falar com a imprensa. Quis chantagear-me. Perdi a cabeça. Mas tu... tu acabaste com ela. Ela podia ter sobrevivido...

— Não te atrevas... Não digas isso, seu estúpido, seu idiota!

O seu rosto estava contorcido num esgar atormentado. Tive pena dele. Disse-lhe para se recompor. Tínhamos de chegar a casa antes do Laurence. Obriguei-o a ajudar-me a pôr o corpo na bagageira. Com lágrimas nos olhos, seguiu as minhas instruções. Para minha irritação, ele tinha os tacos de golfe na mala do carro, sem uso há um ano, a ocupar a maior parte do espaço. Felizmente, o cadáver era tão pequeno e magro como eu desconfiava, e ainda estava flexível. Por isso, conseguimos enfiá-lo lá dentro.

— O que vamos fazer com ela?

— Não sei. Temos de nos acalmar. Vemos isso amanhã. Agora, precisamos de ir para casa. O que sabes sobre ela? Tem família? Quem vai andar à sua procura?

— Não sei... Ela... Acho que falou numa irmã.

— Para já, ninguém sabe que está morta. Ninguém sabe que está desaparecida. Vamos manter as coisas assim.

Quando, à meia-noite e um quarto, chegámos à nossa Avalon, percebi pela sombra da janela do quarto do Laurence que a luz da mesinha de cabeceira estava acesa. Queria mesmo ter estado em casa quando ele chegou, para saber como tinha sido a sua noite. Pedi ao Andrew para nos servir um brandy enquanto eu ia ver como estava o nosso filho. Dei com ele esparramado na cama.

Nem se mexeu quando lhe afaguei os cabelos e lhe dei um beijo na testa. «Boa noite, Laurence», sussurrei, mas ele dormia profundamente. Apaguei o candeeiro, fechei a porta do quarto e fui ao armário da casa de banho buscar um Valium antes de descer as escadas. Precisava de me acalmar.

O Andrew tremia como varas verdes.

— Porra, Lydia, estamos lixados. Talvez fosse melhor chamar a polícia.

Enchi-lhe o copo e esvaziei a garrafa no meu. Ele estava em choque.

— Queres dar cabo da vida ao Laurence? Amanhã é um novo dia. Logo vemos o que fazer, mas não nos podemos esquecer do Laurence, aconteça o que acontecer. Ele não pode saber de nada.

— O Laurence? O que tem ele que ver com isto? E a Annie? Meu Deus, matámo-la, assassinámo-la. Vamos ser presos.

Eu não seria presa. Quem cuidaria do Laurence? Afaguei o braço do Andrew, numa tentativa de o consolar.

— Amanhã tratamos disto. Ninguém nos viu. Ninguém nos pode associar à rapariga. Aposto que ela teria vergonha de contar a alguém o que andava a fazer. Só temos de ver onde colocar o cadáver.

— Tens a certeza de que ninguém nos viu?

— Não havia ninguém no areal. Percorri-o de ponta a ponta para ter a certeza. Vai deitar-te, querido. Amanhã, vais ver as coisas com outros olhos. — Fitou-me como se fosse louca. Encarei-o da mesma forma, forçando-o a desistir daquele olhar. — Não fui eu que a estrangulei.

As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

— Mas se não lhe tivesses batido...

— Ela teria morrido mais lentamente? Ou teria sofrido danos cerebrais permanentes?

— Podíamos ter dito que a encontrámos assim!

— Queres voltar *tu* para lá agora e livrar-te do corpo, chamar uma ambulância da cabine telefónica e explicar o que estás a fazer no areal à uma da manhã?

Ele olhou para o fundo do copo.

— Mas o que vamos fazer?

— Vamos para a cama.

Enquanto subíamos as escadas, ouvi o zumbido da máquina de lavar. Ponderei porque é que o Laurence teria decidido lavar roupa numa sexta-feira à noite. Não parecia coisa dele, mas lembrou-me de que teria de tratar também da minha e da do Andrew. Despimo-nos e separei a pilha de roupa a lavar pela manhã. Tirei a areia dos nossos sapatos e varri o chão por onde tínhamos passado. Despejei a pá com areia no jardim das traseiras, no pedaço de relva junto à janela da cozinha. Olhei para o terreno por instantes, sempre quis plantar ali um canteiro de flores.

Mais tarde, quando me deitei, abracei o corpo trémulo do Andrew. Virou-se para mim e fizemos amor, agarrados um ao outro como sobreviventes de uma terrível calamidade.

O Andrew tinha sido um ótimo marido até há um ano. Mantivemos um casamento saudável durante vinte e um anos. O papá tinha ficado muito impressionado com ele. No seu leito de morte, disse que estava aliviado por me deixar em boas mãos. O Andrew tinha sido aprendiz do papá na Hyland & Goldblatt. Tornou-se o seu protegido. Um dia, teria eu 26 anos, o papá ligou-me para casa e disse que teríamos um convidado especial para jantar, que eu devia esmerar-me no repasto e no penteado.

— Mas não quero cá batons — disse-me. O papá não gostava de maquilhagem. — Não suporto aquelas flausinas pintalgadas! — Era o seu típico comentário sobre as estrelas do cinema americano.

O papá às vezes saía-se com opiniões radicais.

— És a minha filha linda. É impossível melhorar a perfeição.

Fiquei curiosa em relação ao visitante, sem saber porque tinha de me aperaltar para ele. Devia ter adivinhado, claro, que o papá estava a tentar arranjar-me marido. Mas escusava de se preocupar.

O Andrew ficou logo embeijado, fazendo todos os possíveis para me conquistar. Afirmava que faria tudo por mim.

— Não consigo parar de olhar para ti — dizia-me.

E, de facto, os seus olhos seguiam-me para todo o lado. Chamava-me sempre o seu troféu, a sua joia preciosa. Eu também o amava. O meu pai sempre soube o que era melhor para mim.

O nosso namoro foi curto e muito ternurento. O Andrew vinha de boas famílias. O seu falecido pai tinha sido pediatra e, embora me parecesse que a mãe dele não me via com bons olhos, não levantou objeções à nossa relação. Afinal de contas, quando o Andrew casasse comigo, ficaria também com Avalon — uma casa de arquitetura georgiana com seis quartos, situada num terreno de quatro mil metros quadrados, em Cabinteely, no sul do Condado de Dublin. O Andrew queria que tivéssemos uma moradia nossa quando nos casássemos, mas o papá fez finca-pé.

— Vocês vão viver aqui. Esta é a casa da Lydia. A cavalo dado não se olha o dente.

E o Andrew passou a viver connosco. O papá cedeu-nos o quarto principal e mudou-se para o quarto grande que fica do outro lado do corredor. Ainda assim, o Andrew resmungou.

— Mas, querida, não vês como isto é estranho? Estou a viver com o meu patrão!

Reconheço que o papá punha e dispunha do Andrew, mas ele depressa se habituou. Acho que percebeu a sorte que tinha.

O Andrew não se importava que eu não quisesse dar festas ou conviver com outros casais. Dizia que adorava ter-me só para ele. Era meigo, generoso e atencioso. Por norma, evitava confrontos, por isso não tínhamos muitas discussões. No calor do momento, podia dar pontapés ou atirar objetos inanimados, mas acho que toda a gente faz isso de vez em quando. E depois mostrava-se sempre muito arrependido.

O Andrew foi subindo na hierarquia até que, por fim, todo o tempo passado no campo de golfe acabou por compensar. Há três anos, foi nomeado juiz do Tribunal Penal Especial.

Era um membro respeitado da sociedade. As pessoas prestavam atenção quando falava e citavam-no nos jornais. Era considerado uma autoridade em questões legais e judiciais.

Até que, no ano passado, o Paddy Carey, seu velho amigo, contabilista e parceiro de golfe, saiu do país e levou consigo todo o nosso dinheiro. Pensei que, no mínimo, o Andrew fosse capaz de gerir as nossas finanças. Era essa a função do marido, ser o ganha-pão e zelar pelo bem-estar económico do lar. Mas ele tinha confiado no Paddy Carey, que nos enganou a todos. Ficámos sem nada, apenas com as dívidas e os passivos, e o generoso salário do Andrew mal cobria as nossas despesas.

Teria eu feito um mau casamento? O meu papel era ser apresentável, bonita, encantadora. Uma dona de casa, companheira, boa cozinheira, amante e mãe. Mãe.

O Andrew sugeriu vendermos alguns terrenos a investidores imobiliários para angariarmos capital. Fiquei horrorizada com a sugestão. Ninguém com o nosso estatuto faria uma coisa dessas. Tinha passado toda a minha vida em Avalon. O meu pai tinha herdado a propriedade do seu pai, e foi a casa onde nasci, onde morreu a minha irmã. Nunca aceitaria vender sequer uma parte de Avalon. Nem iria colocar em risco o dinheiro que precisávamos para pagar à rapariga.

Mas tivemos de tirar o Laurence de Carmichael Abbey, uma escola caríssima, e pedir a transferência para St. Martin's. Fiquei para morrer. Eu sabia que ele era infeliz lá. Tinha consciência de que era gozado por causa da sua classe social e sotaque, mas a verdade é que não tínhamos dinheiro. O Andrew vendeu discretamente algumas pratas da família para pagar as nossas dívidas e, com isso, conseguimos manter-nos à tona. Não podia correr o risco de ser obrigado a declarar falência, porque isso implicaria perder o emprego. Não tínhamos um estilo de vida extravagante, mas os nossos pequenos luxos começaram a desaparecer. O Andrew cancelou a inscrição no clube de golfe, mas insistiu em manter aberta a minha conta na Switzers e na Brown Thomas. Sempre lhe custou horrores desiludir-me.

Mas agora isto? Na garagem, uma rapariga morta na bagageira do carro. Foi uma pena que ela tivesse morrido, mas, dadas as circunstâncias, estaria a faltar à verdade se dissesse que eu própria não teria sido capaz de a estrangular. Só queríamos o nosso dinheiro de volta. As marcas na parte interna do braço da rapariga não me saíam da cabeça. Eu tinha visto um documentário sobre viciados em heroína na BBC, e o flagelo era uma constante nas capas dos jornais. Era mais do que óbvio que ela tinha injetado o nosso dinheiro nas veias, sem dar a menor importância às nossas necessidades e desejos.

Enquanto o Andrew dormia o seu sono agitado, pautado por soluções ocasionais, eu tracei um plano.

Na manhã seguinte, sábado, o Laurence deixou-se dormir até tarde. Avisei o Andrew para evitar conversas e ele concordou prontamente. Tinha o olhar vazio e um tremor na voz que nunca mais desapareceu depois daquela noite. Ele e o Laurence sempre tiveram uma relação difícil, por isso não lhes custou aguentar o silêncio. A minha ideia era tirar o meu filho de casa durante o dia, mandá-lo à cidade fazer um recado qualquer, enquanto o Andrew enterrava a rapariga no nosso jardim. Ele ficou chocado quando soube que a enterraríamos ali, mas fiz-lhe ver que, assim, ela nunca seria descoberta. Na nossa propriedade mandávamos nós, ninguém tinha acesso sem a nossa autorização. O jardim das traseiras não era vigiado, e eu sabia exatamente onde a enterrar. Quando era pequena, havia um lago decorativo debaixo do plátano que era visível da janela da cozinha, mas o papá tinha-o tapado depois da morte da minha irmã. As suas orlas de pedra, que tinham ficado debaixo da terra durante quase quarenta anos, seriam a sepultura perfeita.

Após enterrar o corpo, o Andrew podia limpar e aspirar o carro até não restarem vestígios de fibras ou impressões digitais. Estava decidida a tomar todas as precauções. A profissão do

Andrew permitia-lhe saber o tipo de coisas que podiam incriminar uma pessoa. Ninguém nos tinha visto no areal, é certo, mas todo o cuidado é pouco.

Reparei que o Laurence coxeava bastante quando se sentou à mesa do pequeno-almoço. Tentei mostrar-me alegre.

— Como estás hoje, meu querido?

O Andrew manteve-se atrás do seu *Irish Times*, mas vi pelos nós dos dedos que agarrava as folhas com força para não tremer.

— Dói-me o tornozelo. Tropecei ao subir as escadas, ontem à noite.

Dei uma vista de olhos rápida ao tornozelo. Estava inchado e, provavelmente, com uma entorse. O meu plano de o mandar até à cidade ficou gorado. Mas ainda seria possível mantê-lo fechado dentro de casa. Enfaixei-lhe o tornozelo e dei-lhe instruções para ficar no sofá o dia todo. Assim, podia vigiá-lo e mantê-lo afastado das traseiras da casa, onde se realizaria o enterro. O Laurence não era um rapaz muito ativo, por isso ficar deitado no sofá a ver televisão o dia todo e receber a comida num tabuleiro não era grande castigo.

Ao anoitecer, quando o trabalho já estava feito, o Andrew acendeu uma fogueira. Não sei o que estava a queimar, mas eu tinha-lhe dito para se livrar de todas as provas.

— Pensa nisto como um dos teus julgamentos. Que tipo de coisas desmascaram a mentira? Sê minucioso! — Ninguém o podia acusar do contrário. Porém, o Laurence é um rapaz inteligente. É intuitivo, como eu, e apercebeu-se do mau humor do pai. O Andrew foi brusco quando disse que queria ver as notícias na televisão, porventura com medo de que falassem do desaparecimento da rapariga. Mas não falaram. Disse que se sentia engripado e foi deitar-se cedo. Pouco tempo depois, quando fiz o mesmo, dei com ele a pôr coisas numa mala.

— O que estás a fazer?

— Não aguento mais. Tenho de sair daqui.

— E vais para onde? Não podemos mudar nada. É demasiado tarde.

Virou-se a mim pela primeira vez, cuspendo de raiva.

— A culpa é toda tua! Nunca a teria conhecido se não fosses tu. Não me devia ter metido nisto. Era uma ideia estapafúrdia, mas não paravas, estavas obcecada! Pressionaste-me demasiado. Eu não sou homem para... — Interrompeu a frase a meio, porque estava provado que afinal era mesmo homem para estrangular uma rapariga. Só que ainda não sabia. Além disso, o meu plano era perfeito. Ele é que deu cabo de tudo.

— Eu disse para escolheres uma rapariga saudável. Não viste as marcas nos braços dela? Era *viciada em heroína*. Não te lembras do documentário? Deves ter reparado nos braços.

Ele desfez-se em soluços e caiu em cima da cama, e eu encostei com cuidado a cabeça dele contra mim para abafar o som. O Laurence não podia ouvir. Quando a agitação dos ombros diminuiu, despejei o conteúdo da mala e voltei a colocá-la em cima do roupeiro.

— Guarda as coisas. Não vamos a lado nenhum. Vamos continuar a viver normalmente. Esta é a nossa casa e nós somos uma família. Eu, tu e o Laurence.

2

KAREN

A última vez que vi a Annie foi no seu quarto alugado em Hanbury Street, quinta-feira, 13 de novembro de 1980. Lembro-me de que, como lhe era habitual, o quarto estava imaculado. Por mais desordenada que estivesse a sua vida, a Annie sempre fora muito asseada, desde os tempos de St. Joseph. Os cobertores estavam bem dobrados ao fundo da cama e a janela estava aberta, arejando o quarto com o ar gelado.

— Não queres fechar a janela, Annie?

— Quando acabar de fumar.

Recostou-se na cama, a fumar o seu cigarro curto e sem filtro, enquanto eu preparava um chá. As canecas estavam bem alinhadas na prateleira, viradas para baixo, com as pegas para a frente. Deitei duas colheres de folhas de chá no bule escaldado e despejei a água a ferver. Ela olhou para o relógio.

— Dois minutos. Tens de deixar repousar durante dois minutos.

— Eu sei fazer chá.

— Ninguém o sabe fazer bem.

Era o tipo de coisas que me enfureciam na Annie. Que teimosa. Só ela é que sabia fazer as coisas como deve ser.

— Está um frio de rachar.

Encostou o casaco de lã comprido ao corpo, com as mangas balouçando abaixo das mãos. Passados os dois minutos, acenou com a cabeça e eu pude servir. Dei-lhe uma caneca de chá e ela esvaziou o cinzeiro num saco de plástico, o qual dobrou cuidadosamente antes de colocar no caixote do lixo.

— Tens a certeza de que está bem fechado? — Eu estava a ser sarcástica.

— Está bem fechado. — Ela estava a falar a sério. Esticou o braço, fechou a janela e depois pulverizou o quarto com um daqueles malditos sprays ambientadores, preenchendo o espaço com um cheiro sufocante. — Como está a mãezinha?

— Preocupada contigo. O paizinho também.

— Pois, deve ser isso — disse, com o lábio a contorcer-se para o lado.

— Não ficaste muito tempo no domingo. Estás sempre com o fogo no rabo. Ele preocupa-se mesmo contigo.

— Claro que sim.

Eu e a minha irmã sempre fomos muito diferentes. Gosto de pensar que fui uma criança bem-comportada, mas talvez isso seja apenas em comparação com a Annie. Tinha boas notas na escola, mas as coisas sempre foram mais fáceis para mim. Se entrássemos juntas numa loja, os empregados ignoravam-na por completo e vinham a correr ter comigo. As pessoas querem ajudar-me e fazer coisas por mim. A Annie sempre disse que era por eu ser bonita, mas nunca de uma forma invejosa. Em certa medida, éramos parecidas. Em miúdas, chamavam-nos «as cenouras» por causa do nosso cabelo ruivo, mas tínhamos uma diferença óbvia. A Annie nasceu com um lábio leporino. Fez uma operação que correu mal quando era bebé e o lábio superior ficou esticado e achatado à frente. Tinha uma cicatriz que lhe ligava o nariz à boca. Os meus lábios encurvam para cima nos lados, o que faz com que pareça que estou sempre a sorrir. Talvez seja por isso

que todos dizem que sou bonita. Na verdade, não sou. Olho-me ao espelho e só vejo a Karen Cenoura.

Quando éramos pequenas, a Annie costumava desaparecer amiúde. Podíamos estar a brincar com os vizinhos à porta de casa, a minha mãe aparecia e dizia «Onde está a Annie?», e lá íamos nós à sua procura. Dávamos com ela numa qualquer rua que ficava para lá do espaço onde podíamos brincar. Certa vez, apanhou um autocarro para a cidade, e a Sra. Kelly, que vivia no número 42, viu-a e levou-a para casa. Acho que a Annie era apenas curiosa. Queria saber o que estava para lá de cada esquina. Nessa altura, ela e o nosso pai eram muito chegados. A Annie costumava subir-lhe para os ombros e ele andava com ela às cavalitas pela casa, enquanto a minha irmã ria de forma histérica. Já eu era mais pequena e tinha medo de subir tão alto. Mas quando a Annie chegou à adolescência, ela e o nosso pai já estavam numa guerra aberta.

A minha irmã tinha uma certa reputação. A nossa mãe dizia que ela tinha saído do útero ao pontapé e que, desde então, nunca mais tinha parado de espernear. No secundário, a Annie metia-se em sarilhos por responder torto aos professores, por roubar, por atos de vandalismo, por se baldar às aulas e por bater nas colegas. Era inteligente, mas não se dedicava aos estudos. Era lenta a ler e mais lenta a escrever. Sou três anos mais nova, mas, quando tinha 7 anos, a minha leitura e escrita eram melhores do que as dela. Esforçava-me muito por ajudá-la, mas ela dizia que as letras nem sempre lhe faziam sentido. Mesmo que eu escrevesse uma frase e lhe pedisse para a copiar, as palavras saíam desordenadas. Aos 14 anos, a minha irmã já tinha sido transferida para duas escolas diferentes. Conseguia escrever a custo, mas os seus principais passatempos nessa altura eram fumar e beber. A nossa mãe tentou chamá-la a razão, falar com ela, negociar com ela. Quando essa abordagem falhou, o nosso pai tentou a violência. Batia-lhe e trancava-a no nosso quarto, e eu sei que isso lhe custava horrores. «Caramba, Annie, olha o que me obrigaste a fazer!», dizia,

e ficava calado durante alguns dias. Mas isso também não resultou, e o desfecho foi o pior que podia acontecer a uma família naquela altura. Só soubemos quando já estava de quatro meses.

O mundo desabou. Ela só tinha 16 anos. O pai era um rapaz da idade dela que, claro, negou qualquer responsabilidade e disse que a bebé podia ser de qualquer um. Pouco depois, ele e a família mudaram-se. O nosso pai chamou o pároco. Este e um guarda levaram a Annie para St. Joseph num carro preto. Só voltei a vê-la quase dois anos depois.

Voltou uma mulher diferente. Foi aí que começaram os seus tiques e obsessões com as limpezas. Ela nunca tinha sido assim. Fiquei chocada com o seu aspeto. O cabelo ruivo tinha desaparecido porque lhe tinham rapado a cabeça. Estava magérrima. Na primeira noite após o regresso a casa, no quarto que partilhávamos, pedi-lhe que me contasse como era estar trancada num lar para mães solteiras, e ela respondeu que era um inferno que queria esquecer. Falou-me do dia em que a bebé nasceu. Dia 1 de agosto. Chamou-lhe Marnie.

— Era perfeitinha — disse-me —, até na boca.

Quando perguntei o que lhe tinha acontecido, virou-se para a parede e chorou. Nos primeiros dois meses após o seu regresso, a Annie costumava esconder comida debaixo da cama. Ficava sobressaltada ao mais pequeno ruído. Nem ela nem os meus pais falavam da bebé. Esforçámo-nos para levar uma vida normal e a Annie tentou adaptar-se. O nosso pai arranjou-lhe trabalho como empregada de limpeza na padaria onde ele era funcionário. O seu cabelo voltou a crescer, mas ela pintou-o de preto. Um preto azulado, muito escuro. Uma afirmação da sua rebeldia.

Alguns meses mais tarde, no dia 1 de agosto, comprei um presente para a Annie no Dandelion Market, uma pulseira com um nome. Mandei gravar «Marnie». Tinha poupado durante algum tempo, mas, como não era prata verdadeira, manchou rapidamente. Mas ela nunca mais a tirou. Um dia, o pai comentou:

— O que é isso que tens aí?

Espetou-lhe o pulso na cara, mas ele não conseguiu perceber o que estava escrito.

— Diz «Marnie» — esclareceu ela. — É o nome da tua neta, se te interessa saber.

Aos poucos, a Annie voltou aos seus velhos hábitos. Foi despedida da padaria pelo patrão do nosso pai por não fazer um bom trabalho. Então, a frieza entre os dois tornou-se insuportável e ela saiu de casa. Admito que fiquei contente quando o fez.

Apesar de ela própria ter sido sempre uma rebelde, quando se tratava dos meus estudos, a Annie apertava comigo para fazer os deveres e não me meter em sarilhos.

— Tu és inteligente e bonita, Karen — dizia-me. — Tens de usar ambos os trunfos.

Sim, sou inteligente, e gostava da escola, mas esforçava-me para eliminar o estigma que ela me tinha inculcado. Os meus professores reconheciam-no.

— Tu e a tua irmã são como o dia e a noite! — Chegou a dizer-me a Professora Donnelly, quando me deu um 18 num teste de Inglês. Quando quis deixar a escola aos 15 anos para trabalhar na fábrica Lemons, a Professora Donnelly falou com os meus pais e disse-lhes que eu estava habilitada a fazer o exame final de acesso à universidade. Nunca ninguém na nossa família tinha feito essa prova. Os meus pais ficaram entusiasmados e a Annie radiante.

— És tu que vais quebrar o enguiço! — disse-me.

A minha inteligência não era um dado adquirido, por isso tive de estudar muito para justificar o orgulho dos meus pais. Quando obtive bons resultados, falou-se em matricular-me na universidade. Eu sabia que continuar na escola era uma pressão acrescida para os meus pais, quando já era suposto eu ganhar um salário. Aliás, podia aliar o trabalho e os estudos para pagar as propinas, mas nem conseguia escolher o que estudar. Inglês e Artes eram as minhas melhores disciplinas, mas, se estudasse

Inglês na universidade, teria de fazer um curso de três anos em Artes logo a seguir, e ainda um de educação para ser professora. Se escolhesse o curso de Artes, teria de ir para uma faculdade de Belas Artes, e a minha mãe dizia que não havia empregos para artistas. Fosse como fosse, o meu sotaque não encaixava no ambiente universitário.

A minha mãe achou que devia fazer um curso de secretariado. Ainda havia empregos para dactilógrafas, embora começassem a rarear. Agradou-me a ideia e a escola profissional estava a organizar cursos de seis semanas para raparigas que tinham obtido bons resultados no exame. A Annie ficou desiludida.

— Podias ter ido para a universidade, podias ter recebido uma bolsa de estudo.

Não entendia a minha relutância. Eu não era curiosa como ela. A minha irmã orgulhava-se de eu ter prosseguido com os estudos, mas, quando ficava bêbeda, gozava comigo sempre que eu usava palavras difíceis que ela não entendia.

A Annie arranjou uns biscates nas limpezas, mas vivia sobretudo de subsídios que lhe pagavam o quarto que tinha alugado perto de nós. Por vezes, a nossa mãe dava-lhe dinheiro às escondidas. Nas suas visitas de domingo, o nosso pai tentava fingir que ficava contente por a ver, mas acho que tinha vergonha dela, embora mais tarde o negasse. Não percebia porque é que ela era tão diferente de nós. Eu, a mãe e o pai trabalhávamos com afinco para termos as nossas coisas. Éramos reservados e tentávamos evitar problemas. A Annie ia à procura deles.

Depois de fazer a formação, arranjei emprego numa lavanderia, a tratar da faturação e da contabilidade. Não posso dizer que adorava aquilo, mas foi lá que conheci o Dessie Fenlon. Alguns dos homens com quem lidava eram desagradáveis, faziam comentários sobre o meu corpo ou atiravam piropos obscenos, mas o Dessie era diferente. Era respeitoso. Um dia, vi-o dar um puxão de orelhas a um dos rapazes pela forma como tinha falado comigo. O Dessie era um dos motoristas. Era muito tímido

e só passados seis meses teve a coragem de me convidar para sair. Acho que pensou que a diferença de idades era demasiado grande. Ele tinha 26 anos, era quase nove anos mais velho do que eu. A melhor parte do trabalho era quando ele ia fazer entregas ou levantamentos. Nessas alturas, ríamos e namoriscávamos a valer. Foi aí que começámos a namorar. Dizia não acreditar na sua sorte por eu ter aceitado sair com ele. Quando ficou claro para todos na lavandaria que éramos um casal, os comentários pararam. O Dessie era um paz de alma, mas punha na linha qualquer um que o contrariasse. Tinha reputação de rufia e era conhecido por já ter andado metido em algumas refregas.

O trabalho era monótono e eu aborrecia-me de morte, mas ganhava o suficiente para poder sair de casa. Disse à Annie que podíamos alugar um apartamento juntas, mas ela não gostou muito da ideia. Fiquei desiludida e falei disso à minha mãe, que contou ao meu pai.

— Não vás viver com a Annie, que ela arrasta-te para a sarjeta — avisou-me.

Será que, se tivesse ido viver com a minha irmã, as coisas teriam sido diferentes? Será que o meu pai se lembra de ter dito aquilo? Será que isso o atormenta? Não quero desenterrar esse assunto. Ele já está a sofrer demasiado. Tal como todos nós.

No último dia em que a vi, ela estava agitada, mas entusiasmada com alguma coisa. Disse que tencionava comprar-me um estojo de pintura como deve ser, porque sabia que eu ainda gostava de desenhar e pintar. Devia ter ficado entusiasmada com a promessa de um presente desses, mas conhecia demasiado bem a minha irmã. Ela ficou chateada por eu não ter saltado de alegria, mas a verdade é que a Annie estava sempre a prometer-me presentes ou planos em conjunto, que quase nunca chegavam a acontecer.

— Um estojo à séria. Vi-o na montra da Clarks: tintas em tubos numa grande caixa de madeira, com todo o tipo de pinéis. Só aguarelas e tintas, nada de óleos. Vês? Eu lembro-me de

tudo o que me disseste sobre as tuas coisas das artes. Sei que não gostas de óleos. É lindo, o estojo. Tem um ar muito antigo, mas é novo, com imensas coisas lá dentro. Vou comprá-lo no sábado de manhã. A sério que vou. Prometo. Vai ter comigo no sábado à tarde.

— E dinheiro para isso?

— Não te preocupes, eu arranjo.

— Pois.

— A sério. Não acreditas em mim, Karen?

Era mais fácil dizer que sim, mas eu sabia que nunca iria acontecer. Semanas antes, garantiu-me que íamos jantar ao Sherries, em Abbey Street, e fiquei meia hora à sua espera, ao frio. Não apareceu e, quando lhe liguei, disse que estava ocupada e que ficava para outra altura.

Apesar de tudo, eu adorava a Annie. Ela queria o melhor para mim, queria que eu aprendesse com os seus erros. Dizia-me para ter cuidado com os rapazes, que era demasiado boa para os miúdos da nossa zona, e que devia guardar-me para alguém especial. Eu nem sempre lhe dava ouvidos. Ninguém conseguia fazer-me rir como ela e, embora o tempo que passou no lar para mães solteiras lhe tivesse feito perder o brilho, a velha chama estava a começar a reaparecer quando ela desapareceu misteriosamente.

— Prometes que vais ter comigo no sábado? Por volta das três da tarde, sim? Mal posso esperar para ver a tua cara quando o abrires.

E eu prometi, sem me atrever a esperar que ela cumprisse a palavra dada, mas também sem imaginar que não voltaria a vê-la.

— Claro. E levo o Dessie.

Senti a sua expressão a fechar-se. Eles tinham-se dado bem no início, embora o Dessie achasse a minha irmã um bocado apanhada. Não gostava de a ver tantas vezes bêbeda e, tal como o meu pai, não lhe agradava que eu passasse muito tempo com ela. Quando lhe contei da gravidez da Annie e da sua estadia em St. Joseph, a atitude dele em relação a ela piorou.

— É dessas vadias? — comentou. — Quem era o pai? Ela sabe, ao menos?

Fiquei revoltada com aquela reação. Ignorei-o durante semanas e evitei falar com ele no trabalho, mas o Dessie não desistiu e acabou por me reconquistar com um ramo de flores e um pedido de desculpas por escrito. Disse-me que não devia ter chamado nomes à minha irmã. Mas se o Dessie, que era um bom homem, pensava isso da Annie, era certo e sabido que todos achavam o mesmo. Depois disso, nunca mais se sentiu à vontade na companhia dela, e a Annie não era estúpida.

— O que se passa com o teu homem? — perguntou-me certa vez no Viking. — Está sempre com o fogo no rabo, a querer ir-se embora.

— Ele não gosta muito deste sítio — respondi-lhe, o que não estava longe da verdade.

O Viking era um bar da pesada, numa zona meio abandonada da cidade. Ali paravam os adolescentes que snifavam cola. O Dessie resmungava sempre que íamos ter com ela àquelas bandas, mas a Annie era uma criatura de hábitos.

— Este bar é só bêbedos — dizia-me ele.

Fazia-lhe ver que podia dizer o mesmo da maioria dos bares na Irlanda. A Annie era bem conhecida naquele sítio e uma das mais jovens entre os clientes habituais. Ao final da noite, começavam as cantorias, e a Annie, já bem tocada, entoava «Do Ya Think I'm Sexy» ou «I Will Survive» a plenos pulmões. O Dessie detestava-o.

— Já está a dar espetáculo.

Embora por vezes concordasse com ele, a verdade é que a Annie conseguia ser afinada e lembrar-se da letra. Quem era eu para impedi-la de se divertir?

Quando fui ter com ela ao apartamento no sábado, decidi não levar o Dessie. Não fiquei muito surpreendida quando vi que

não estava em casa. Liguei-lhe nessa noite, e a rapariga que atendeu o telefone do corredor disse que lhe daria o recado.

No domingo, a Annie não apareceu em casa dos nossos pais. O almoço depois da missa das 12h30 era o único ritual em família que mantínhamos, e a Annie aparecia quase sempre.

— Mãezinha, ela ligou a dizer que não vinha?

— Não, aquela velhaca não ligou — disse a minha mãe, que encarava aquela displicência como um insulto pessoal. Eu não dei importância.

— Pode ter chocado alguma. O quarto dela estava um gelo quando fui lá na quinta.

— Não tinha o aquecedor ligado?

— Sim, mas sabes que ela abre sempre a janela quando fuma. A minha mãe virou-se para o meu pai.

— O vício do tabaco, herdou-o de ti.

— Herdou isso e mais nada, Pauline, garanto-te.

Mudei de assunto e perguntei ao meu pai se ia aos galgos na quinta-feira.

No dia seguinte, segunda-feira, voltei ao apartamento dela com o Dessie, mas ninguém abriu. Contudo, apanhei uma rapariga que ia a sair. Havia três quartos alugados na casa de dois andares com casa de banho partilhada. Perguntei-lhe se tinha visto a Annie.

— Agora que perguntas, não a vejo desde quinta ou sexta. Pensei que estivesse fora. Costumo acordar com o rádio dela.

Foi quando comecei a ficar preocupada. A Annie não teria ido embora sem me dizer nada. Além disso, para onde iria?

— Estará com algum gajo? — sugeriu o Dessie, mas calou-se quando lhe dirigi um olhar frio.

Por norma, mantínhamos contacto duas ou três vezes por semana, mas na quarta-feira ainda não tinha tido notícias dela. Fui a casa da minha mãe, mas ela também nada sabia da Annie.

— Disse-te que ia para fora?

— Não disse nada. É estranho.

Ainda lá estava quando o meu pai chegou da padaria.

— Deve andar para aí podre de bêbeda. Há de aparecer.

— Nunca estive tanto tempo sem dizer nada. Já passou quase uma semana.

— Quando foi a última vez que a viste?

— Na quinta-feira. Disse-me para ir ter com ela no sábado. Prometeu-me que estaria lá. — Não lhe falei do estojo de pintura. Não fazia sentido.

— Bom, se ela prometeu... — disse o meu pai, sarcástico.

Na sexta-feira, quando ainda nada sabíamos dela, percebemos que havia algo de errado. Eu e o meu pai fomos ao seu apartamento, enquanto a mãe falava com amigos e algumas raparigas com quem ela costumava trabalhar. No apartamento da Annie, um dos inquilinos disse que ela não tinha aparecido a semana toda. Usámos o telefone do corredor para ligar ao senhorio e ele foi ter connosco, um homem gordo e transpirado, com um nariz grande, que resmungou por ter sido incomodado após as seis da tarde. Usou o seu enorme molho de chaves para abrir a porta do quarto alugado. Estava tudo arrumado como sempre, mas as roupas que eu lhe conhecia estavam no roupeiro, exceto o casaco cinzento com padrão em espinha, o vestido de lã sem mangas que a mãe lhe tinha comprado pelos anos e as botas roxas de cano alto. Não queria estar a remexer nas coisas da minha irmã, mas bastou um olhar rápido para perceber que ela não tinha viajado. A mala grande ainda estava debaixo da cómoda. No lava-louça, uma caneca solitária com uma mancha de bolor no fundo.

— Ela nunca a teria deixado ali, se soubesse que ia viajar. Durante umas horas, tudo bem, mas a caneca deve estar ali há dias.

— A renda tem de ser paga para a semana. Não vou perder o dinheiro. — disse o senhorio.

— Cale-se, mas é! — respondeu o meu pai.

Aplaudi internamente. Estava a defender a Annie, o que não acontecia há muito tempo. O senhorio mandou-nos embora e disse que, se não recebesse a renda na semana seguinte, poria as coisas da Annie num saco à porta.

Quando chegámos a casa com a notícia, a minha mãe ficou muito preocupada. Nenhum dos amigos da Annie a via há mais de uma semana e disseram-lhe que ela não tinha aparecido em dois trabalhos de limpeza no centro da cidade. Isso, por si só, não teria feito soar o alarme, mas a minha tímida mãe tinha tido coragem suficiente para aparecer no Viking ao anoitecer. Todos os clientes habituais conheciam a Annie, mas disseram que não a viam há mais de uma semana.

— Achas que ela engravidou outra vez e voltou para St. Joseph? — aventou o meu pai, com preocupação na voz.

— Ela nunca na vida voltaria para lá. Tenho a certeza disso.

— E, mesmo que estivesse grávida, porque iria para qualquer sítio sem a sua roupa ou sem uma mala? — A minha mãe apoiou-me.

— Vou ligar à polícia — disse o meu pai, na sexta-feira, 21 de novembro de 1980.

3

LAURENCE

Ouvi-o dizê-lo com toda a clareza.

— O fim de semana de 14 de novembro? Deixe-me pensar... Espere um pouco... Deixe-me ver... Ah, sim, estive aqui com a minha mulher. Porque pergunta, senhor agente?

— O fim de semana todo? Não saiu de casa?

— Sim. Bom, vamos lá ver, cheguei a casa do trabalho na sexta-feira por volta das seis e não voltei a sair.

Mentira.

— E estava sozinho com a sua mulher? Mais ninguém em casa?

— O meu filho saiu nessa sexta-feira. Mas acho que chegou a casa antes da meia-noite. O que se passa, afinal?

— Ora, doutor, é que... nos últimos meses, tem havido relatos de um carro a visitar a casa da mulher desaparecida... Um carro como o seu, doutor... o Jaguar antigo.

O tom do agente da polícia era nervoso, subserviente. Com demasiados «doutor» à mistura. Era evidente que tinha tido o azar de ser incumbido de interrogar o meu pai. Ou o juiz Fitzsimons, como passara a ser conhecido mais recentemente.

— E posso saber como o senhor se chama? — perguntou o meu pai.

Embora não o visse, conseguia ouvir-lhe o ar de superioridade na voz, juntamente com um estranho e novo tremor. A porta da cozinha estava ligeiramente entreaberta atrás de mim, e esforcei-me por escutar o que se passava para lá dela.

— Mooney, doutor. Peça desculpa por ter de lhe fazer estas perguntas...

— E qual é exatamente a sua patente, *Mooney*? — Demorou-se no «oo» do nome Mooney.

— Sou inspetor, doutor.

— Compreendo. Então, nem sequer é inspetor-chefe?

Eu conhecia aquele tom. O meu pai podia ser arrogante ou desdenhoso com estranhos e até perder as estribeiras. Por vezes, intimidava-me. Não sei se era intencional. Fazia-o naturalmente.

Na outra ponta da mesa, a minha mãe olhava-me com um ar de espanto.

— É a tua quinta batata, Laurence? Vá lá, rápido, enquanto o teu pai não vê.

Nem sequer estava a contá-las.

A minha mãe levantou-se, a resmungar com a corrente de ar. Fechou a porta atrás de mim, ligou o rádio e começou a cantarolar a música que dele emanou. Eu não disse nada, mas agora era impossível ouvir o que estava a ser dito em frente à porta da rua.

O meu pai tinha acabado de aldrabar deliberadamente a polícia. Admito que fiquei surpreendido com a mentira. Foi-lhe perguntado o que tinha feito há quase duas semanas. Lembro-me muito bem dessa sexta-feira à noite, porque tive a minha própria aventura. Também eu tinha mentido sobre o meu paradeiro. Havia dito aos meus pais que ia ao cinema com colegas da escola, quando na verdade estava a perder a virgindade com a Helen d'Arcy, que vivia em Foxrock Park, a apenas vinte minutos de distância.

Não era minha intenção ter relações sexuais com a Helen no nosso primeiro encontro a sério. Não a achava fisicamente

atraente. Tinha um cabelo louro e sedoso muito bonito, mas a sua estrutura corporal tinha tanto de larga como de fina. O seu rosto, anormalmente grande, assentava sobre um pescoço magro. Em comparação, a minha pele era impecável, talvez por estar esticada.

Fui a casa da Helen simplesmente porque ela me convidou. Não recebia muitos convites.

Ela tinha-me interpelado quando eu regressava da escola, semanas antes. Estava a chover, como de costume. A escola era horrível. Só tinha ingressado no Colégio Masculino de St. Martin's em janeiro por causa do Maldito Paddy Carey. Fiz os possíveis para que os meus pais não soubessem que era vítima de bullying na minha nova escola. Havia um grupo específico de quatro ou cinco rapazes, todos matulões e acéfalos. Depois do primeiro mês, os ataques deixaram de ser físicos, mas os meus livros eram furtados ou danificados com frases obscenas, e o meu almoço era roubado e substituído por coisas demasiado nojentas para serem sequer mencionadas.

A Helen estudava numa escola privada, um pouco mais próxima da cidade, mas vivia perto da nossa. Já tinha ouvido histórias sobre ela de outros rapazes da minha turma. Senti alguma empatia porque os rufias pareciam ter tanto desprezo por ela como por mim.

Ouvi-a antes de a ver.

— Como te chamas? — perguntou-me.

Virei-me. A saia verde da farda escolar, feita de um tecido felpudo, estava puída nalguns sítios e a bainha tinha descáido de um lado. Vi que a parte de dentro do colarinho estava esfiapada no pescoço.

— Laurence. Fitzsimons.

— Ah, sim, já ouvi falar de ti. Porque te chamam Hipopótamo? Pareces-me normal.

Simpatizei logo com ela.

— Eu *sou* normal. Eles é que não gostam de mim.

— Que se foda o que eles pensam, não achas? Moras em Brennanstown Road? Já te vi por aí.

Eu vivia em Avalon, uma grande vivenda com um jardim aprumado ao fundo da rua, mas não tinha a certeza se devia dizer-lho. Ela parecia não se importar se eu respondia ou não às suas perguntas. Seguimos caminho, lado a lado. Quando passámos pelo Trisha's Café, sugeriu que lhe comprasse uma *Coca-Cola*. Hesitei.

— Pronto, está bem, então compro-te *eu* uma — disse, enquanto abria a porta de vidro. Teria sido má educação não a seguir. Infelizmente, os rufias já lá estavam, sentados junto ao balcão.

— Óinc, óinc! — gritou um deles na nossa direção.

— Mas que filhos da puta — disse a Helen. — Ignora-os.

Raramente dizíamos asneiras em Avalon. Mas, em apenas cinco minutos, já tinha ouvido «que se foda» e «filhos da puta». De uma rapariga. Por vezes, eu também dizia palavrões, mas nunca em voz alta.

A Helen dirigiu-se calmamente ao balcão e voltou com duas colas.

Entreguei-lhe duas moedas de dez *pence* para pagar.

— Não é preciso. Só porque fui eu que paguei, não quer dizer que tenhas de me convidar para sair.

Convidá-la para sair?

— Eu quero pagar. É justo.

— Está bem — assentiu. Houve uma pausa na conversa enquanto bebíamos as nossas colas por palhinhas finas. Mas depois, comentou: — Serias muito bonito se não fosses gordo.

O facto de ser gordo não era novidade para mim. A minha mãe dizia que era gordura de criança e que a perderia em breve, mas já tinha 17 anos. O meu pai dizia que eu comia demasiado. A balança apontava para os noventa e cinco quilos. Nem sempre fui gordo, mas no último ano, após mudar de escola, os meus hábitos alimentares descontrolaram-se por completo. Quanto mais

nervoso e infeliz ficava, mais fome sentia. Adoro comer, sobretudo coisas que engordam. Mas aquela era a primeira vez que alguém, sem contar com os meus pais, me dizia que eu era gordo sem me olhar com repulsa.

— O teu cabelo é giro — disse eu, para retribuir o elogio. Pareceu muito satisfeita.

— Também adoro comer. Provavelmente, como mais do que tu.

Era óbvio que a Helen não fazia ideia da quantidade de comida que eu conseguia enfardar.

— Se me desses vinte quilos dos teus, seríamos ambos perfeitos.

Eu e a Helen encontrámo-nos algumas vezes nas semanas seguintes. Comprávamos *Coca-Colas* à vez. Até que um dia a Helen disse:

— Queres ir a minha casa amanhã à noite?

— Para quê?

— Para me visitares? Para começarmos bem o fim de semana?

A ela, parecia-lhe perfeitamente normal um rapaz ser convidado para ir a casa de uma rapariga.

— A minha mãe fez um bolo fantástico que vai para o lixo se ninguém o comer.

Só nos conhecíamos há algumas semanas, mas já sabia os meus pontos fracos. Combinámos encontrar-nos depois das aulas e ela escreveu a morada na capa do meu caderno.

Nessa noite, em casa, tentei ser descontraído e jovial.

— Amanhã não venho jantar, vou ao cinema com uns amigos — menti, da forma mais natural que consegui.

Concentrei-me ao máximo no caderno. O meu pai animou-se. Ficou encantado.

— Olha que maravilha. Vais sair com os teus amigos, é? O que vão ver? Parece que estreou um novo filme do *Star Wars*.

Tínhamos visto o primeiro juntos, em família. Eu e o meu pai gostámos, mas a minha mãe tinha tapado os ouvidos durante as explosões e dado pulos a cada choque entre os sabres de luz. Depois disso, jurou que nunca mais ia ao cinema.

— Vamos ver *As Novas Diabruras de Herbie* — disse eu, confiante, tentando ignorar o corar da minha face.

— Estou a ver — respondeu o meu pai, meio desanimado e confuso. — Aposto que estás contente por sair com os teus colegas.

Lançou um olhar pleno de significado à minha mãe, satisfeito por constatar que eu tinha feito amigos, mas ela estava concentrada em cortar-me uma fatia de cheesecake. Tentei empurrar-lhe a mão para aumentar a fatia, o que ela fez com um suspiro e um abanar de cabeça.

— Eu fico com essa. Dá-lhe uma mais pequena. — Não escapava nada ao meu pai. — Mas quero-te em casa à meia-noite.

— Meia-noite?! Mas nós nem sequer sabemos quem são essas pessoas...

— Acabou-se a conversa, Lydia. — O meu pai deu o assunto por encerrado. Meia-noite. Caramba, por esta não esperava eu. Nunca tinha tido uma hora para voltar para casa. Nem sequer alguma vez tinha precisado, mas meia-noite parecia-me bem. Obrigado, pai. Só que agora tinha mesmo de me encontrar com a Helen. Tinha quase a certeza de que era algo a sério. Faltavam menos de vinte e quatro horas. Sentia-me ansioso e aterrorizado na mesma medida.

A preparação para um primeiro encontro era complicada. Tinha visto isso na capa da revista *Jackie*, no quiosque. Fiquei a saber que havia dez passos a seguir. Consegui adivinhar dois deles: hálito fresco e flores.

Depois de matutar um pouco, decidi que a regra dos dez passos só se aplicava às raparigas; aos rapazes, bastava seguir dois. O hálito fresco não era uma preocupação. Depois de sairmos do Trisha's, tinha comprado uma escova de dentes nova, assim como

pasta de dentes Euthymol, que quase me arrancou a boca. A dor era tanta que devia ser eficaz, pensei.

As flores. Estávamos em novembro. Havia, no entanto, uns belos cravos rosa e brancos a florir na estufa do meu pai, que invadi a altas horas da noite enquanto eles viam o noticiário das nove. Embrulhei os caules em papel de alumínio e coloquei-os delicadamente em cima dos livros da escola na minha mochila.

Nessa sexta-feira fatídica, o meu pai deu-me duas libras depois do pequeno-almoço e disse-me para me divertir. Na altura, a nossa situação financeira não era das melhores. O contabilista do meu pai, o Maldito Paddy Carey (foi o único palavrão que lhe ouvi), tinha fugido com o nosso dinheiro um ano antes. O meu pai ficou furioso. Não podíamos contar a ninguém. O contabilista tinha sido um amigo íntimo, ou assim achava ele. O Carey tinha enganado vários clientes famosos, e a história fazia manchetes. Até à data, o nome do meu pai não tinha sido referido publicamente. Ele andava muito stressado com aquilo; sentia-se humilhado por o Maldito Paddy Carey o ter ridicularizado e por não conseguir manter o estilo de vida a que a minha mãe estava habituada. Tínhamos vivido um ano inteiro de gritos e portas a bater, e de conversas intermináveis sobre apertar o cinto. Por isso, receber duas libras do meu pai sem sequer ter de pedir foi inesperado. Pensei ir à florista, mas, como já tinha apanhado umas flores, seria um desperdício. Não sabia bem em que devia gastar o dinheiro.

Quando ouvi finalmente o toque de saída, quase fiquei doente de ansiedade. Até a mera ideia de uma alternativa ao habitual ritual das sextas-feiras à noite — trabalhos de casa, jantar, ver *Bonanza* e *Os Três Duques* na televisão sozinho, depois o noticiário das nove e um *talk-show* com a minha mãe, mais um lanche e depois cama — me pareceu entusiasmante. À sexta-feira, o meu pai costumava ir jantar e beber um copo com os colegas.

A minha mãe não gostava de socializar e ficava sempre em casa. Mas, nessa manhã, e uma vez que eu ia sair, o meu pai fez um grande alarido sobre passar a noite em casa com a minha mãe. A importância deste facto só se tornou clara muito mais tarde, depois de o polícia ter batido à porta. Para mim, na altura, significou que não podia voltar atrás no meu acordo com a Helen. Seriam necessárias demasiadas explicações e eu não conseguiria lidar com a desilusão do meu pai.

Por fim, cheguei à porta de casa da Helen. Morava num bairro residencial, com um espaço verde comum em frente às moradias. Pensei em como seria ter vizinhos que se viam todos os dias, atarefados com os seus afazeres. O portão de madeira girou inerte sobre uma única dobradiça, com a tinta branca a descascar. O meu pai nunca teria permitido tamanha incúria em Avalon; tudo aquilo que se partia ou estragava era prontamente reparado ou substituído, fosse qual fosse a nossa situação financeira. As aparências eram muito importantes para ele. Decidi que a família da Helen era desleixada. Não tinham uma longa entrada e um grande terreno como nós, apenas um pequeno jardim e uma área de cascalho com espaço para um carro. Mas não vi nenhum.

Fiquei muito espantado quando ela abriu a porta. Tínhamos ambos acabado de sair da escola, mas a Helen tinha tido tempo para mudar de roupa, encaracolar o cabelo (o seu cabelo liso e sedoso era a única coisa de que eu realmente gostava nela) e pôr maquilhagem. O batom era roxo-escuro e manchou-lhe os dentes. As calças de ganga pretas não lhe ficavam suficientemente justas nas pernas ossudas para alcançarem o que presumo ter sido o efeito desejado (ser como a Sandy no *Grease*). A Helen parecia uma adulta. Eu estava em desvantagem. No meu blazer apertado da escola, continuava um colegial.

— D-desculpa — gaguejei. — Não tive tempo para mudar de roupa...

Mas a Helen estava encantada por me ver.

— Entra! — A sua receção foi efusiva. Teria recheado que eu não aparecesse? A casa tresandava a fumo de cigarro e enjoava de tão floral que era. Tapetes, cortinas, estofos, individuais, alcatifa, almofadas e papel de parede. Mais parecia o Jardim Botânico. E havia palavras rabiscadas por todo o lado, nas paredes e nos espelhos. Havia resmas de papel e livros dos mais diferentes tamanhos e feitios em todas as superfícies.

— Pois, a minha mãe é poetisa — explicou a Helen. — Foi passar a noite fora e os meus irmãos mais novos estão com a tia Grace. Por isso, temos a casa só para nós.

A informação foi transmitida casualmente, mas com significado. Não havia ninguém que pudesse impedir o que quer que fosse que estava para acontecer. A julgar pelo comportamento da Helen, um *beijo* haveria certamente.

— O teu pai está a trabalhar? — perguntei, com uma pontinha de esperança.

— O meu pai? Não o vejo há anos. — Quando começariam os beijos? — Se quiseres, jantamos agora, tenho pizzas que posso meter no forno. São pequenas. Quantas queres?

Tirou um saco com rodela congeladas da arca frigorífica. Eu queria quatro. Vá, cinco.

— Duas, por favor — disse eu.

Sabia que o meu apetite era motivo de chacota para alguns, e não me tinha esquecido do bolo da mãe dela, embora começasse a ficar preocupado por não o ver em lado nenhum.

— Come três, são pequenas. — A Helen começava a conquistar-me, enquanto rasgava o celofane com os dentes. — Gostas de gin?

— A tua mãe deixa-te beber álcool?

— Longe da vista, longe do coração.

A Helen serviu-nos bebidas. Lembrei-me dos cravos que tinha na mochila, pousada junto à porta de entrada. Queria ter-lhos oferecido à chegada e agora parecia que o momento tinha passado. Se já estávamos no gin, o beijo não tardaria, por isso podia dispensar as flores.

Bebi o gin tónico que ela me serviu. Arrepiei-me com o sabor forte. Percebi então porque é que os meus pais só beberricavam as suas bebidas alcoólicas. Mesmo assim, consegui emborcar mais dois copos de enfiada.

Suponho que o jantar tenha sido agradável, embora saiba que comi quatro das pizzas, deixando apenas uma à Helen. Lembro-me de ter perguntado pelo bolo da mãe dela, dissimulando a minha desilusão quando me deparei com uma banal fatia de pão de ló num prato florido. A Helen serviu-nos mais gin. Quando o beijo apareceu, fiquei muito satisfeito. Tínhamo-nos aproximado um do outro no sofá da sala de estar. A mão dela acariciava-me a coxa. Não tenho a certeza de quem começou, mas houve dentes e línguas e ruídos de sucção e lambidelas.

Admito que fiquei rapidamente excitado. A Helen reparou e sugeriu que fôssemos para o quarto dela. Hesitei. Não tinha planeado SEXO. Claro que as minhas cuecas estavam limpas (a minha mãe era muito rigorosa quanto a isso), mas tinha a certeza de que o sexo implicava ficar nu, e, mesmo no meu estado de embriaguez, não me parecia boa ideia mostrar a minha flacidez. Nunca o fiz na escola. Costumava falsificar recados da minha mãe para o professor de Educação Física sobre os meus problemas nos joelhos. A verdade é que não me doeriam se não tivessem de aguentar um fardo tão pesado.

Ao fim de outra bebida muito rápida, subimos dois lanços de escadas. Tropecei e depois achei uma ótima ideia saltar os últimos degraus. Nesta altura, já estávamos perdidos de riso e foi hilariante quando caí e torci o pé esquerdo. Doeu-me um bocado e tinha um grande corte no tornozelo, mas não fiz alarido. Ainda pensei em como é que ela explicaria à mãe o sangue nas escadas, mas a Helen deu-me a entender que porventura ela nem repararia. Sentia enorme curiosidade em relação àquela mãe.

Entrámos no quarto dela.

— Fiz a cama de lavado hoje de manhã — disse-me, enquanto desabotoava a camisa.

Virei-me para lhe dar privacidade, mas depois apercebi-me da parvoíce do gesto e voltei a encará-la. A Helen estava diante de mim apenas com roupa interior, que tinha o desenho de uma raquete de ténis na anca. Não sabia que ela jogava ténis. No piso térreo, não me tinha atrevido a apalpar-lhe os seios. Sabia que ela era magra e devia ter antecipado a realidade, mas estava à espera de ver *um par* de seios. Podia apostar que ela os tinha quando estava vestida. Para onde teriam ido? O meu peito era significativamente maior do que o dela, e senti de imediato que estava a perder o entusiasmo físico. Comecei a sentir náuseas e calor.

— Anda!

Ela estava deitada debaixo dos cobertores, com os braços atrás da cabeça.

— Não há muito espaço — disse eu, com toda a sinceridade.

— Bem, tu vais ficar por cima, por isso não faz mal. — Que mandona que ela era. — Tens de te despir. — Uma pausa. — A sério que não me importo nada que sejas gordo.

Naquela altura, já nem eu me importava. Só queria despachar aquilo de uma vez. A minha farda escolar foi caindo peça a peça no chão, mas segui o exemplo dela e mantive as cuecas vestidas até estar na cama. Os dois desatámos numa série de grunhidos e guinchos indecorosos, comigo a suar a potes, enquanto nos livrávamos da roupa interior e eu avançava às apalpadelas, numa busca pelo caminho certo. A Helen tomou as rédeas, por assim dizer, e guiou-me na direção correta. Fui ao céu durante os primeiros três minutos, mas depois disso tive de fazer um esforço hercúleo para não vomitar. Tentei pensar na Farrah Fawcett, mas não adiantou de nada. Vou ficar por aqui no que diz respeito ao ato. Limito-me a dizer que não gostei. Foi desconfortável e confuso, humilhante da minha parte, e fiquei feliz da vida quando a Helen afirmou que já estava farta. A gravidez não era algo com que tivéssemos de nos preocupar.

— Nunca tinhas feito isto?

— Não.

— Eu também não.

Fiquei surpreso. Senti algum consolo com a sua confissão.

Eu e a Helen separámo-nos com algum constrangimento à mistura.

— Não vais contar a ninguém, pois não? — perguntou-me, ansiosa, enquanto estávamos deitados na cama depois do sexo. Ela verbalizou precisamente a minha preocupação.

Vasculhei o fundo da cama em busca das minhas cuecas, enquanto ia esmagando a Helen e beliscando a pequena quantidade de carne no seu esqueleto. Estremeceu de dor.

— Jamais! — confirmei com excessiva veemência, enquanto me levantava da cama e reparava que o meu tornozelo doía horrores.

— É melhor ires andando. A minha mãe não tarda a chegar a casa.

Era evidente que ambos queríamos pôr um ponto final no encontro.

— O meu tornozelo está inchado — constatei, enquanto puxava as calças elásticas para cima, tentando desesperadamente encolher a barriga.

— Consegues sequer notar a diferença?

Não gostei de ouvir aquilo. Sobretudo de uma rapariga que podia muito bem vir a ser minha namorada.

A caminho de casa, vomitei numas sebes. O meu relógio marcava onze horas e cinco minutos quando coxeei até à entrada de Avalon. Sabia que ia ser alvo de um interrogatório. As mentiras que tinha preparado sobre *As Novas Diabruras de Herbie* e os meus «amigos» pareciam-me agora pouco credíveis. Não tinha previsto ter de explicar manchas de vômito nas calças e um tornozelo partido.

Para minha surpresa, os portões da garagem estavam abertos e não havia carro algum na entrada, o que significava que o meu pai, afinal de contas, tinha saído.

Quando entrei pela porta da frente, a casa estava silenciosa e às escuras. A minha mãe tinha-se deitado. Aliviado, despi a roupa na lavanderia e meti-a na máquina com o resto das peças que estavam no cesto. Depois, parei para beber um copo de água na cozinha. Subi as escadas o mais silenciosamente possível, passei pela porta do quarto dos meus pais e deitei-me na cama.

Já deitado, ponderei se era assim que devia sentir-me, agora que tinha tido relações sexuais. Tinha contado sentir-me forte, magistral e viril. Na verdade, sentia-me condoído, arrependido e maldisposto. Talvez fosse do gin. Para ser franco, também nunca tinha bebido álcool.

Seja como for, foi isso que *eu* fiz na sexta-feira, 14 de novembro de 1980, a noite em que o meu pai assassinou a Annie Doyle.

**Bem-vindos a Avalon, lar dos Fitzsimons.
A casa grandiosa e perfeita de uma família exemplar.
Uma casa na qual, entre relações conturbadas e
segredos bem guardados, nada é o que parece.**

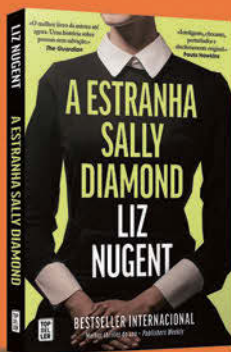
Lydia Fitzsimons parece ter tudo o que alguém possa desejar. Vive numa belíssima mansão, o lar onde cresceu, e partilha o dia a dia com Andrew, juiz de renome e seu marido encantador, e com Laurence, o querido filho de ambos.

Apesar de todo o privilégio, há algo que Lydia cobiça, algo que lhe falta para completar a sua vida em teoria perfeita. O que ela nunca esperou, porém, foi que a procura pela concretização desse sonho levasse ao assassinio de uma jovem mulher. De qualquer modo, Lydia fará aquilo que for preciso, pois nada impedirá esta mãe de conseguir o que deseja.

«Libertem a vossa agenda se planearem pegar nesta história.
Com tanto de sedutor como de sinistro, as reviravoltas
vão-se acumulando até tudo ser revelado de uma forma
soberba e assustadora. Brilhantemente macabro.»

Sunday Mirror

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-525-6



9 789895 835256